

DUAS PALAVRAS MÁGICAS EM CENA: INTRÉPIDA TRUPE

Meran Vargens¹

“É mais fácil ser triste que alegre.”²

Alguma coisa está fora da ordem... O que é descrito na primeira estrofe é uma série de coisas abomináveis (...). No entanto a segunda estrofe é toda de imagens de afirmação, pletora de alegria. Pletora quer dizer excesso, demasia. Pletora de alegria é um show de Jorge Benjor ou as pernas da acrobata mulata, uma homenagem ao grupo Intrépida Trupe, que tem ali coisas afirmativas, coisas de um Brasil mais luminoso. Tudo isso também é “Fora da Ordem”.³

RESUMO: O artigo traça a trajetória dos 25 anos da Intrépida Trupe, grupo que, desde os anos 80, revoluciona a cena contemporânea brasileira mesclando as linguagens de circo, dança e teatro. Numa narrativa que busca refletir o espírito presente na filosofia e nos espetáculos da Trupe, contextualiza-se a criação da companhia, suas estratégias de criação e de desenvolvimento técnico, os meios de produção e manutenção, o vínculo com projetos sociais e com o ensino das artes circenses e do movimento, além das novas ações do grupo numa interferência direta na vida social e cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras- Chave: grupo, circo, teatro, dança.

ABSTRACT: Two magic words on the stage: Intrépida Trupe This article maps the Intrépida Trupe’s 25 year trajectory. The group has been revolutionizing the Brazilian contemporary stage since the 1980s, blending the languages of circus,



Foto: FLÁVIO COLKER

dance and theatre. The company’s foundation, its creation strategies and development techniques, means of production and maintenance, link with social projects and teaching circus skills and movement are contextualized in a narrative that seeks to reflect the spirit present in the Trupe’s philosophy and shows. The article also addresses the group’s new actions via direct interference into the social and cultural life of the city of Rio de Janeiro.

Keywords: group, circus, dance and theatre.

¹ Doutora em Artes Cênicas - UFBA e pós-doutora pelo IA-Unicamp-SP. Professora Adjunta II da Escola de Teatro –UFBA. Atriz, diretora teatral, diretora da Cia. de Teatro Os Bobos da Corte..

² Música *Lexotan*, de André Abujamra e Zeca Baleiro. CD Manfaro, 2010.

³ Depoimento de Caetano Veloso reproduzido no *website* da Intrépida Trupe (www.intrepidatrupe.com.br).



(Vanda Jaques no espetáculo *Sonhos de Einstein*) - foto: CLAUDIA RIBEIRO

Falarei aqui sob a ótica da paixão. Paixão pela arte cênica, pela formação de grupos que investem na linguagem e cuja filosofia e princípios comungam, ou se aproximam, do que acredito e gosto de compartilhar. Farei um relato-convite. Quero envolver apaixonados na aventura de criar em grupo, de investir nas diferenças, de elaborar poética-cenicamente a experiência-mundo em direção à felicidade. A Intrépida Trupe se torna aqui meu chamariz.

Hoje tem espetáculo? Tem sim senhor!!!!

Invoco o poder das palavras para que elas vinguem em nossos espíritos como os raios luminosos que escapam do olhar bravio, curioso, amoroso e espontâneo da criança diante da cena: Intrépida e Trupe.

A intrepidez de correr riscos criativos de forma divertida, alegre, positiva, encorajadora, carioca, no sentido da vida boa, da paisagem que envolve a cidade, da beleza. Trupe pelo sentido de comunidade, de respeito às diferenças, de acreditar que a troca com o outro nos enriquece. Em vez de competir, permitir-se brilhar em todas as camadas da esfera da criação. Em vez de comparar, comungar. No campo das energias sutis a polaridade do medo é o amor. Em minhas elucubrações intelectuais acredito que a coragem para os riscos intrépidos se apóia no amor que só o envolvimento em trupe promove. E, creio, só assim essa vida de aventuras cênicas faz sentido.

Falarei às vezes *de dentro* e às vezes *de fora* sem saber conscientemente quando estes ângulos e perspectivas se formam. *De dentro* porque sou filha da mesma geração. Também assisti e fui influenciada pelo Asdrúbal Trouxe o Trombone, pelas Frenéticas, ouvia os grupos de rock Paralamas do Sucesso, Titãs, Barão Vermelho, bebi da atmosfera inquietante, caótica e acolhedora do Circo Voador. *De fora* porque, apesar de ter estado no Maranhão quando o terreno para plantar a semente intrépida foi preparado e de ter assistido ao primeiro espetáculo autoral da trupe no Teatro Ipanema, perdi-os de vista ao longo dos anos seguintes. O reencontro se deu em 2007, nas platéias de Metegol e da mostra cênica dos alunos, crianças e jovens do curso livre regular do Espaço de Criação da Intrépida, A Cobra na Bacia.

Então, novamente, falo *de dentro*, afinal de contas, depois de ser encantada pelas crianças, me escalei no time intrépido e ministrei, para o grupo jovem, um curso de contadores de história e orientei a dramaturgia do espetáculo *Preçosa idade*. Agora escrevo este artigo depois de assistir ao lançamento do documentário *Intrépida Trupe – Será que o tempo realmente passa?* Portanto, leitor, se situe neste “de dentro e de fora”, se é que isto tem importância, porque eu mesma sou incapaz de fazê-lo.

E, já que as coisas acontecem antes de acontecer, comecemos por lá onde...



Planta-se a idéia e nasce a Trupe



(Geraldinho Miranda em apresentação no Palácio do Catete)
foto: STEVEN HARPER

A Intrépida Trupe nasceu nos anos 80, no caldo cultural carioca, na cauda do grupo de dança Coringa, dos grupos de teatro Território Livre, Manhas e Manias, Asdrúbal Trouxe o Trombone, na efervescência do final da ditadura militar e nos braços amorosos do Circo Voador. Foi gerado na primeira tentativa do Circo Voador de se espalhar pelo Brasil, num projeto que levou uma trupe de artistas para o Maranhão. Respirava-se o ar de...

[...] uma geração que tinha necessidade de falar de si própria, de assumir a autoria de seus espetáculos, de experimentar, de buscar novas relações para a criação e uma nova relação entre si, em que o trabalho significasse também a possibilidade de conviver no espaço afetivo e lúdico. (MARTINS, 2008)

A palavra de ordem no Maranhão era partilhar, interagir, cooperar, aprender, ensinar, festejar, celebrar, produzir magia poética, encantar. Lançar bola de fogo, dançar, saltar, piruetar, fazer rir, fazer mágica, vibrar. Lá estavam Dalmo Cordeiro, ator e aluno da Escola Nacional de Circo,⁴ Beth Martins, bailarina ex-integran-

⁴ A Escola Nacional de Circo (ENC) foi criada em 1982 pelo circense Luís Olimécha. Realiza cursos regulares de formação e reciclagem de artistas. Reúne em seu corpo docente profissionais com mais de 30 anos de carreira artística. A Escola Nacional de Circo está, atualmente, instalada no terreno da Estação de Trem Leopoldina, no Rio de Janeiro, perto da Praça XI, ponto tradicional de armação de circos no século 19 e no início do século 20. O

te do Grupo Coringa,⁵ e o acrobata Paulo Diaz, futuros integrantes fundadores da Intrépida, consolidando uma amizade e confabulando com Perfeito Fortuna⁶ a aventura seguinte: uma trupe circense na possível Missão Cultural Brasileira para o México, na Copa do Mundo de 86. Afinal, o México é um país de cultura circense! A missão aconteceu. Fez-se, então, uma...

[...] reunião de amigos⁷ de teatro, de dança, das artes plásticas, artistas performáticos, de teatro de rua e de alunos da primeira turma de formandos da *Escola Nacional de Circo*. (JACQUES, 2008)

A primeira ultra-sonografia dessa mistura já revelou a cara e o caráter do futuro

bebê e lhe deu nome: Intrépida Trupe. Na barriga da bola do mundo...

A Intrépida Trupe apresentou-se nas ruas, praças, estádios e programas de televisão de Guadalajara. (JACQUES, 2008)

Já era possível ouvir as batidas do coração: TRU – PE / TRU – PE / TRU – PE. Sonoridade condenada à herança hippie. E eis a sentença:

terreno abriga uma lona moderna de quatro mastros, com capacidade para três mil espectadores. O espaço possui salas de aula, dança e musculação, fisioterapia, refeitório e oficinas para confecção e conserto de aparelhos. Do primeiro elenco da Intrépida, os integrantes eram, na maioria, formandos ou tinham cursado a Escola Nacional de Circo.

⁵ O Grupo Coringa, pioneiro na dança contemporânea no Brasil, foi fundado em 1977 por Graciela Figueroa. O Coringa participou dos festivais de dança da Bahia, fez turnês por várias capitais brasileiras, dançou nos principais teatros do Rio de Janeiro e ao ar livre em parques, como a Quinta da Boa Vista e Parque Lage. Graciela Figueroa nasceu em Montevidéu, no Uruguai, em 1944. Aos 9 anos já integrava o grupo dirigido por Elsa Vallarino, bailarina introdutora da dança moderna no Uruguai. Em 1965, Graciela foi morar em Nova York e integrou algumas das mais importantes companhias de dança moderna e contemporânea. De volta à América Latina, em 1970, trabalhou no Uruguai e no Chile e, em 1975, veio morar no Brasil, convidada a dar aulas e a se apresentar no Festival de Ouro Preto. Em 1977, foi para o Rio de Janeiro trabalhar no Centro de Pesquisa Corporal, dirigido por Angel e Klaus Vianna. Ela exerceu influência determinante nas artes cênicas no Brasil. Do primeiro elenco da Intrépida, a maioria havia trabalhado com ou integrado o Grupo Coringa, ou sido de alunos de Graciela.

⁶ Perfeito Fortuna foi integrante do Asdrúbal Trouxe o Trombone e é o criador e diretor do Circo Voador e da Fundação Progresso.

⁷ Alberto Magalhães, Beth Martins, Dalmo Cordeiro, Dani Lima, Fernando Neder, Vanda Jacques, Paulo Diaz, Gringo Cardia.



(Dani Lima, Hector Fábio Cobo e Geraldinho Miranda no Palácio do Catete - quando a trupe tinha um forte vínculo com os clowns)

foto: ELIANE HEEREN

Verbo regente: amor

Palavra-guia: paz

Direção da bússola: rumo à felicidade

Finalizada a missão, os intrépidos viajaram em férias pelo Pacífico e Caribe, conhecendo e desfrutando os sabores da rica cultura imagética mexicana, que viria refletir em suas criações futuras. As aventuras dessa viagem firmaram a forte amizade, cumplicidade e intimidade entre os membros do grupo, fortalecendo ainda mais o real sentido de trupe. (MARTINS, 2008)

De volta ao Rio a trupe resolve continuar se encontrando todas as tardes no Circo Voador e ficar *criando coisas* sem data ou dia de estréia. Experimentavam seus corpos. Missionários, agora, da cena intrépida, ensinavam uns aos outros aquilo que sabiam. Propunham-se jogos. Eram todos jovens entre 20 e 30 anos, com corpos muito diferentes em tônus, flexibilidade, agilidade, conexão e presença. Tinham formação diversa, origens culturais outras, falavam a língua de distintos Brasis. Isso poderia ser motivo de dificuldades, mas acabou por gerar afinidades surpreendentes, que se manifestavam em criações

[...] líricas, irreverentes, impactantes, onde a singular poética de cada um mesclava-se num coletivo forte, potente, dinâmico e pleno de identidade. [...] trabalhavam com uma inquietude nova, onde o codificado e o tradicional caminhavam juntos com o inesperado e o improvisado, numa ampla liberdade de criação. (MARTINS, 2008)

Algo comum os unia: a paixão pelo circo. Seus números abriam shows das bandas no Circo Voador. Mas foi num evento na Praça da Apoteose, em comemoração ao Dia das Crianças, que conheceram os palhaços Xuxu, Dudu e Piru Piru.⁸ Gostaram tanto deles que os convidaram para ingressar na trupe. Por isso, o dia 12 de outubro de 1986 é considerado, oficialmente, o dia do nascimento da Intrépida Trupe.

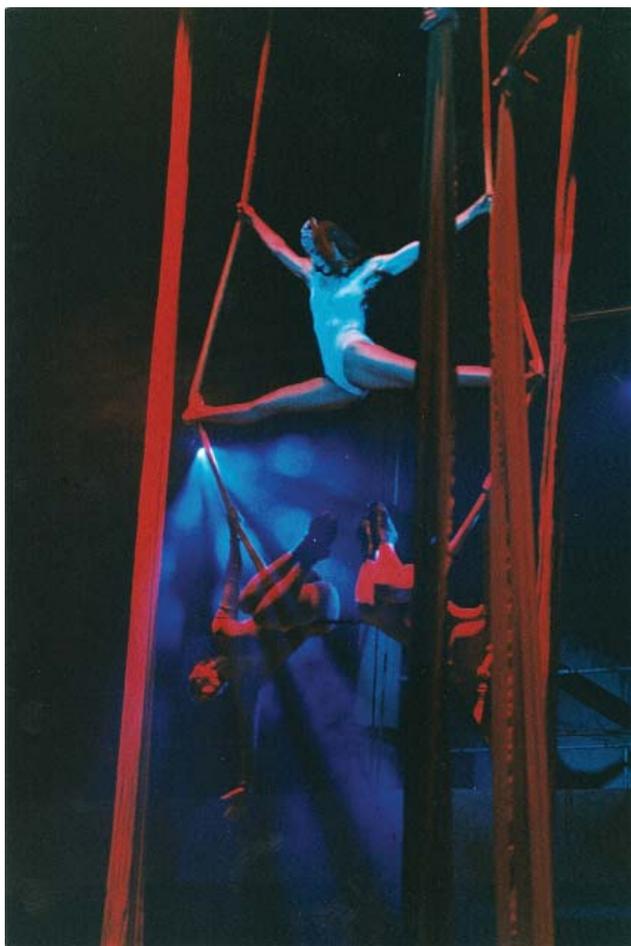
O passo seguinte: decidiram fazer um espetáculo ao ar livre nos jardins do Palácio do Catete. Foram assistidos por mais de duas mil pessoas, que saíam felizes da aventura. Decidiram, então, criar um espetáculo que identificam como o primeiro verdadeiramente autoral e se lançaram rumo ao Teatro Ipanema. Convidaram Graciela Figueroa, que, junto com Gringo Cardia, con-

⁸ Luís Carlos Vasconcelos, Eduardo Andrade e Geraldim Miranda.



duziu a direção. Talvez o valor da palavra Intrépida estivesse, a esta altura, apenas criando raízes na Trupe. Traziam consigo o espírito de aventura num ritmo de quem “vai lá e faz” com a disponibilidade, o vigor, a irresponsabilidade e a ingenuidade da juventude. E assim deflagraram, sem volta, um processo de sucessivas pesquisas de linguagem e de meios técnicos para desenvolver seus sonhos de escrita cênica em espetáculos que inundaram a cena brasileira e carioca de magia.

E a Trupe faz-se Intrépida



(Beth Martins, Raquel Karro e Luiza Buarque no clássico número da trupe: *O Trapézio dos Sonhos*)
foto: CLAUDIA RIBEIRO

“Nossa!!! Que noite!!! Eu vi o circo renascer!!!”, lembrou Alice Viveiros de Castro sobre os comentários da apresentação da Intrépida Trupe no Prêmio Mambembe de Circo, pois teria havido uma controvérsia para se aceitar a Intrépida como um representante da linguagem circense.⁹

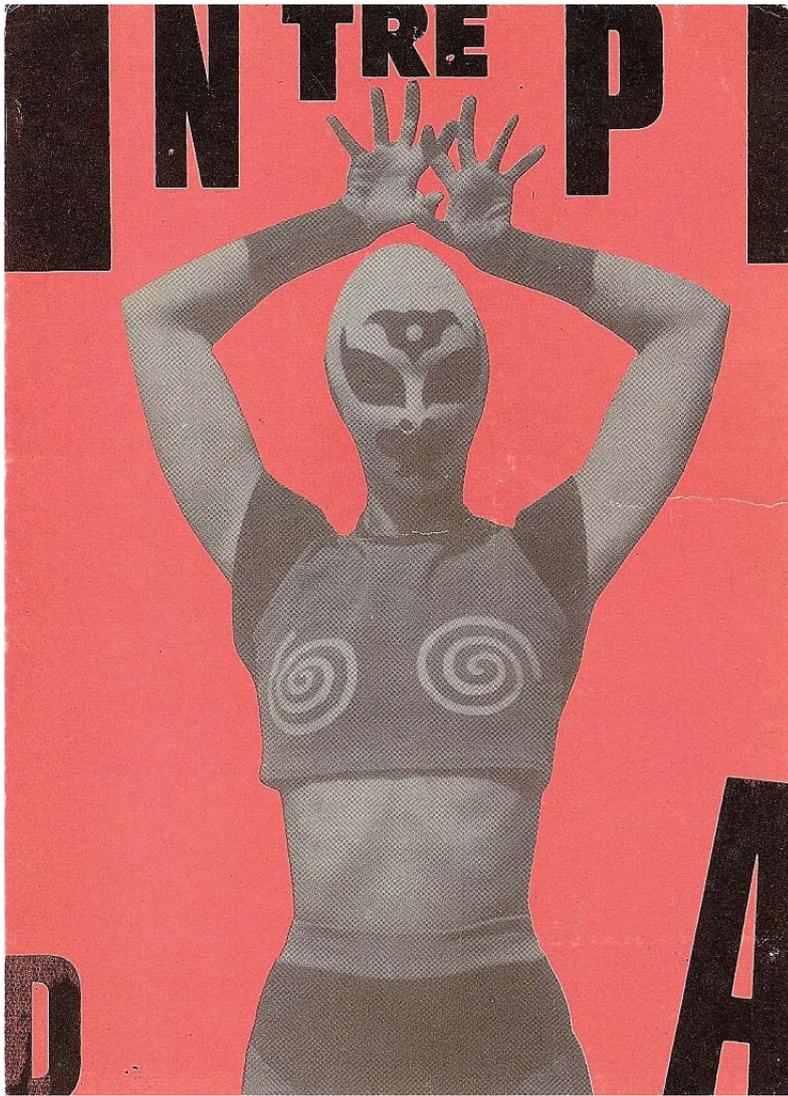
Pode-se imaginar que a intrepidez se deva aos saltos, às alturas conquistadas, ao avanço nos limites do corpo, às acrobacias, à precisão, ao humor afiado. Hoje, cá em minhas “matutagens” intelectuais, percebo a intrepidez de entrelaçar, com características próprias, as linguagens do circo, da dança, do teatro, dos palhaços, da performance e das artes plásticas; de fazer do equipamento técnico elemento detentor de força poética, simbólica; de lançar-se ao desconhecido da nova linhagem de códigos que engendravam; de enfrentar processos criativos onde a criação e a direção eram coletivas; de viver o caos e o risco de caminhar no escuro e de brilhar; de aprender sobre o corpo, às vezes sem professor – experimentando, errando e acertando, confiando no outro; de perseguir idéias e sonhos em duplas, trios, quartetos, solos; de desvendar caminhos para fazer estes pedaços de si “constituir-se” num todo único, fruto de escolhas poéticas em consenso. Que loucura!!! E olha, não é que o Gringo Cardia, intrépido de todos os tempos, concorda comigo!

O pioneirismo destas mesclas de linguagem certamente é anterior à Intrépida, mas esta é sem dúvida uma propagadora e incentivadora de uma experiência brasileira com toda uma personalidade própria. Ser intrépido é lutar contra o medo. Ir atrás da experimentação. Ser um observador do mundo. Ir à luta de conseguir tudo aquilo que se sonha.¹⁰

Os jornais não sabiam como anunciar a Intrépida Trupe e caíam naquele chavão dos *sem-cara*: “É teatro? É dança? Ou é... circo? Em qual coluna deve entrar? É para criança ou para adulto?” Isso já seria o suficiente se a classe artística também não se inquietasse com a falta de prateleira para a Intrépida. Hoje ainda é assim. Concorre-se a que edital? Dança? Teatro? Circo? Performance? Qual o público-alvo? “Infanto”, juvenil, terceira idade, quarentões? Feminino ou masculino? Descamisados ou engravatados? Letrados ou iletrados? O *espantoso* é que até hoje seus espetáculos atingem a todos indiscriminadamente. E todos saem com brilho nos olhos, sorriso nos lábios e vontade indisfarçável de ser feliz.

⁹ Informação colhida no documentário *Intrépida Trupe – Será que o tempo realmente passa?*, com direção de Beth Martins e Roberto Berliner, 2010.

¹⁰ Depoimento de Gringo Cardia para o programa do espetáculo *Intrepidez*, em comemoração aos dez anos da Intrépida Trupe.



(Arte de Gringo Cardia para o espetáculo ARN)

Houve o tempo quando a figura do palhaço era central, depois a dança ganhou espaço, de repente a necessidade de dramaturgia cênica se fez presente, mais tarde a cena foi invadida pela dança contemporânea com sua força física, seus estilos de saltos e certos tipos de arroubos conceituais.

Cada um dos espetáculos, com suas características próprias, marcou o processo de investigação da linguagem, acrescentando técnicas e vivências corporais importantes para a companhia e avanços na área de engenharia circense. (JACQUES, 2008)

Tudo vinha como um reflexo natural da vida do grupo com uma dose de simplicidade na seqüência dos fatos. Depois do espetáculo *Intrépida Trupe* (1988) no Teatro Ipanema, viajaram para alguns festivais internacionais na Europa e trouxeram materiais, entre eles o elástico, cordas, mosquetões, boldriers, roldanas e outros equipamentos de alpinismo e náutica que lhes

possibilitaram, literalmente, novos vôos. Fizeram curso de rapel e noções de salvamento em situações de alturas com os bombeiros, além de aulas com amigos montanhistas do Rio, o que lhes permitiu um aprimoramento em técnicas de segurança e a criação dos espetáculos ARN (1991) e ARN II (1992), cuja linguagem definiu o caráter intrépido na cena.

Nessa época tínhamos números aéreos surpreendentes. Tínhamos adquirido algumas técnicas de alpinismo e materiais como os elásticos, coisa que ninguém tinha aqui no Brasil. Fizemos um número engraçado com macacos livres que invadiam a platéia, e um número sobre futebol cuja trilha era uma gravação de rádio antiga de uma copa do mundo com a qual a Stella Miranda e o Tim Rescala já haviam trabalhado anteriormente. A gente chamou a Stella para fazer a direção, ou supervisão, dos números criados. Ela trouxe sugestões de trilha, ajudou nas ligações e assim foi... Nesse espetáculo a direção visual do Gringo Cardia firmou essa cara pop da Intrépida nas cores e nas máscaras que utilizávamos em cena, uma releitura da experiência do México... e a Deborah Colker trabalhou algumas coreografias, já que a Graciela havia voltado para o Uruguai. (Beth Martins em entrevista concedida a mim em 2010).

Vê-se aqui o modo de criação que se instalou nos primeiros dez anos intrépidos: eram números criados em duplas, trios ou em conjunto, de acordo com as afinidades de cada um, e depois um coreógrafo e/ou um diretor, externo ao grupo, era convidado para costurar o espetáculo. Assim foi também em *Kaboom!!!* (1995) e *Intrépidez* (1996). Já o espetáculo *Kronos* (1999) aparece como um divisor de águas.

Reflete um período quando alguns dos integrantes fundadores da Intrépida se desligaram da trupe. Houve uma reorganização da equipe artística¹¹ e a criação de

¹¹ A Intrépida sempre teve um núcleo de elenco que permanecia com a trupe por vários espetáculos e ações culturais, e um grupo de artistas que entravam e saíam de acordo com as necessidades cênicas das criações e em momentos de substituição temporária de algum dos integrantes. No entanto, para *Kronos* e *Flap!*, houve, verdadeiramente, uma escolha de elenco e alguns dos que ingressaram na trupe nessa época acabaram por constituir um novo corpo de elenco. Entre eles estão: Caio Guimarães, Luisa Buarque, Paulo Mazzoni, Leonardo Senna, Raquel Karro, Renato Linhares, entre ou-



uma equipe técnica¹² de montagem. Novos integrantes invadem a cena intrépida. Vanda Jacques, Beth Martins e Cláudio Baltar decidem eles mesmos dirigirem e organizarem o novo espetáculo. Para isso, resolvem investir em uma temática para guiar a criação. Surge *Kronos* (1999), que fala sobre o tempo. Também este é o período em que se transferem do espaço de ensaio, de aulas e de criação que tinham na Glória, deixando lá apenas o funcionamento do escritório, para retornar aos braços da Lapa na Fundação Progresso, ao lado do Circo Voador. O novo espaço também traz consigo a possibilidade de novos desafios com as alturas. É lá que estréiam *Kronos* e, num jeito vigoroso e rejuvenescido, atravessam a primeira prova de fogo, elemento cênico expressivo do espetáculo, da resistência intrépida da trupe.



(Vanda Jacques no espetáculo *Kronos*)
foto: CLAUDIA RIBEIRO

tros. Alguns permanecem até hoje e outros mantêm vínculos criativos com a Intrépida de modo diferente, a exemplo do Felipe Rocha, que foi elenco em *Kaboom!!!* e *Intrepidez*, saiu e depois voltou à trupe assinando as trilhas sonoras do *Flap!*, do *Sonhos de Einstein* e do documentário *Intrépida Trupe – Será que o tempo realmente passa?*

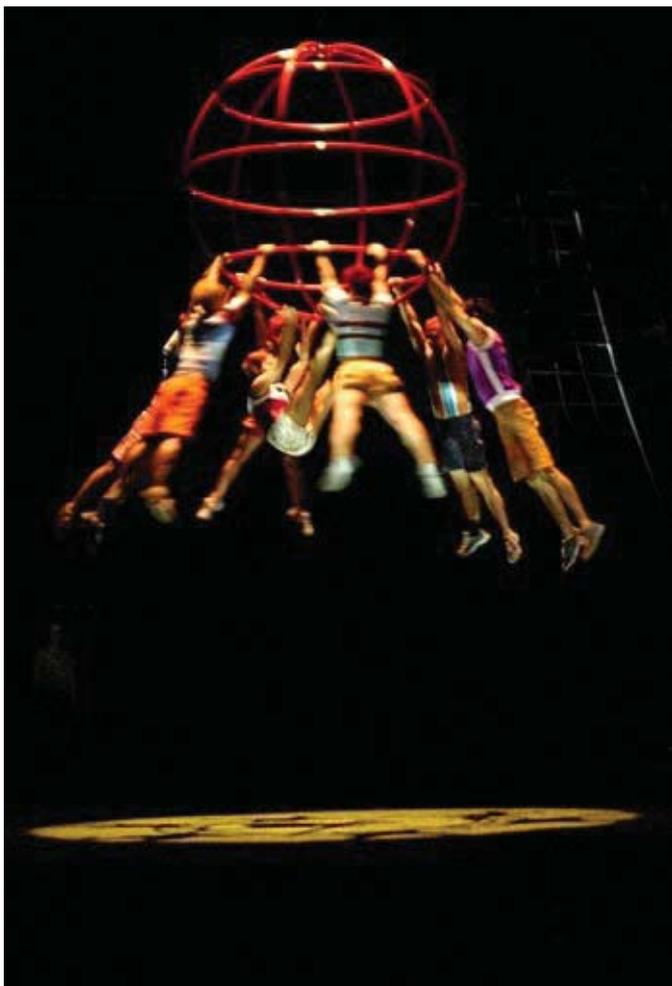
¹² Hoje a equipe técnica criada é composta por Carlos Eduardo Nascimento – Índio, Felipe Nando, Marcos Babú e Thiago Merij. Geraldin Miranda e Vanda Jacques são os pioneiros no desenvolvimento da engenharia circense e técnica da Intrépida. Cláudio Baltar, ao ingressar na trupe, também se interessou por esta área, e após a saída de Geraldin Miranda toda a assessoria ou direção técnica dos espetáculos está a cargo de Cláudio Baltar ou de Vanda Jacques.

Na maior parte das vezes os conflitos eram enriquecedores. Na medida em que nos permitimos viver a liberdade de uma ou outra escolha, novas criações surgiram assim como novas buscas na preparação do corpo para realizarmos as idéias desejadas. Algumas vezes os conflitos geraram a saída de integrantes. Como consequência dessas saídas, novas pessoas entravam. E na grande trama, onde qualquer movimento em um dos pontos da teia se reflete no todo, engendravam-se dinâmicas de adaptação, re-apropriação e renovação. (MARTINS, 2008)

Os espetáculos seguintes também giraram em torno de uma temática escolhida e com a figura da direção mais definida, mesmo que o processo criativo ainda fosse permeado pela colaboração e participação de todos

em todas as esferas. No *Flap!* (2001) trabalharam com o Paulo de Moraes, diretor do Grupo de Teatro Armazém, sobre o mito de Ícaro. Em *Sonhos de Einstein* (2003) tiveram como inspiração o livro homônimo de Alan Lightman e a direção ficou a cargo de Cláudio Baltar. *Metegol* (2006) são variações sobre o futebol e a direção é compartilhada por Cláudio Baltar e Renato Linhares. Todos os espetáculos contaram com a presença determinante de Zé Maranhão, o serralheiro e soldador que desde o início da Intrépida confecciona os equipamentos de cena projetados e idealizados

pela direção técnica e artística de cada espetáculo. Os equipamentos alcançaram um requinte de “megaprodução”: asas de ferro para o pássaro de *Intrepidez*, liras com cara de sol e de lua em *Kronos*, a cabeça de Ícaro em *Flap!*, elipses em formato de DNA de *Sonhos de Einstein*, a bola-globo de *Metegol* e outros, e outros, e outros. São equipamentos aéreos sofisticados com requintada engenharia, cuja operação é realizada, às vezes, por braços humanos e outras por motores. Em *Metegol*, durante a turnê, a trupe precisava chegar uma semana antes com a equipe técnica para montar a “parafernália” de equipamentos.



(Intrépida Trupe em Metgol) – foto: MAUREEN MARZINEK

E a bola do mundo gira na Copa de 2006... *Metgol* em cartaz e a Intrépida comemorando 20 anos de vida!!!! Se olharmos com uma lente de aumento, veremos que a criança Intrépida cresceu e enxergaremos uma...

Camaleônica Trupe de corpo Intrépido

Num certo sentido, os vários momentos de renovação do elenco foram promovendo uma revisão de conceitos e um acompanhamento natural dos tempos. A escolha dos novos integrantes passava por critérios diferentes do virtuosismo. Quase sempre os que entravam eram mais jovens. Já tinham assistido ou feito aulas na Intrépida. Tinham uma formação, em termos de caldo cultural, diferente dos antigos. Isso imprimia uma revisão de conceitos e de técnicas. Como a Intrépida, por característica inata, sempre abarcou a diferença e

a capacidade individual e estimulou a expressão de todos em conjunto, cada jovem integrante teve seu espaço criativo, poético e de desenvolvimento técnico. O Espaço de Criação da Intrépida serviu aos sonhos que se apresentavam. O processo continuou caótico porque continuou inspirado no coletivo. No entanto, a presença de uma demanda de produção, quer pela solicitação de um evento ou de um patrocínio, também norteava os rumos e gerava alterações, expertises, desafios poéticos em espaços imprevisíveis, inusitados, encantadores, despreparados. A linguagem buscava responder à demanda e a ela imprimir a personalidade Intrépida.

E, desse jeitinho, celebraram 20 anos fazendo gol de placa na rede de suas múltiplas ações. Porque a esfera de atuação da trupe é grande. Sem patrocínio de subvenção definido como aqueles recebidos por companhias como grupo Galpão, Cia. de Dança Deborah Colker, Grupo Corpo e outros, a Intrépida Trupe vive da realização de projetos, projeto a projeto. A reviravolta ocorrida após os dez primeiros anos também marcou a trupe no que se refere à estrutura de produção, já com Valéria Martins responsável por esta área na Intrépida.

Hoje são quatro sócios que decidem o destino da trupe, assumem os riscos financeiros e administram os sonhos e a vida diária do CNPJ Intrépida Trupe¹³: Beth Martins e Vanda Jacques (sócias fundadoras), Cláudio Baltar e Valéria Martins. Creio que os tempos intrépidos continuam com muita força, mas a palavra trupe nos últimos anos ganhou



(Participação da Intrépida Trupe como os fantasmas no espetáculo *Pluft* com direção de Antonio Pedro e coreografia de Graciela Figueroa) foto: GUGA MELGAR

¹³ O escritório da Intrépida Trupe conta com a produtora executiva Cida de Souza, que acompanha a Intrépida desde 1998, fase de transição entre *Intrépidez* e *Kronos*.



uma cor esmaecida. São sinais dos tempos e fruto dos que acompanham os tempos.

A vida no dia-a-dia da Intrépida é constituída como na maioria dos grupos da cena brasileira. Para sobreviver, integrantes do elenco dão aulas em escolas do Rio e no próprio espaço de criação. Há uma agenda expressiva de participação em eventos por todo o Brasil, a exemplo das interferências cênicas nos intervalos dos jogos da Liga Internacional de Vôlei. Ao longo dos anos, desenvolveram certa expertise técnica e constituíram um corpo técnico que dá assessoria a espetáculos, a montagens desde set de filmagens, a grandes eventos. Depois de terem introduzido a linguagem circense nos desfiles das escolas de samba do Rio, em 1999, atuando na Comissão de Frente da Escola Mocidade Independente de Padre Miguel,¹⁴ hoje os intrépidos sempre participam dos desfiles em diferentes setores: como coreógrafos, como elenco, como consultores da criação de efeitos da linguagem do circo aplicada aos carros alegóricos e por aí vai. A Intrépida também mantém vínculos com grupos de projetos sociais ministrando cursos, aulas ou realizando a direção de movimento de espetáculos produzidos por estas companhias, como a Cia. Aplauso e o Circo Crescer e Viver, suas parcerias mais constantes.

A mais recente série de espetáculos da Intrépida, realizada em 2009, imprimiu uma nova modificação na estrutura do grupo. Os espetáculos foram fruto do desejo imperioso de cada um dos sócios. Assim, Cláudio Baltar colocou novamente no ar *Sonhos de Einstein*; Vanda Jaques dirigiu e atuou nas Noites intrépidas agregando números da Intrépida aos números de convidados especiais, num estilo de “Intrépida convidada”;¹⁵ Beth Martins estreou *Preciosa idade* colocando em cena os jovens intrépidos numa releitura de clássicos da Trupe associada a novas criações e afirmando os passos para a formação da Cia. *Jovem*¹⁶; e Valéria Martins dirigiu Co-

leções, uma interferência interativa com obras de arte em espaço não convencional. Num só ano, quatro flechas foram lançadas atingindo diferentes alvos e todos eles com força Intrépida.

No entanto, o que em mim ecoa é a pergunta que Einstein lançou aos intrépidos em seus sonhos:

Será que o tempo realmente passa?



(Luiza Buarque, Helena Bittencourt e Paulo Mazzoni no espetáculo *Sonhos de Einstein*) - foto: CLAUDIA RIBEIRO

Esta é a frase que se repete no espetáculo *Sonhos de Einstein* e acompanha o título do documentário dirigido por Beth Martins e Roberto Berliner, lançado em 2010, sobre a Intrépida Trupe. E aqui me pergunto como atravessaram o caudaloso rio do tempo para chegarem a bodas de prata? Afinal, em 2011 estarão comemorando 25 anos.

Hoje só existem duas sócias fundadoras, aquelas que estão desde a preparação do terreno na Copa do México, que nadavam no pantanal da ultra-sonografia: a Vandinha (53 anos) e a Beth (54 anos). Elas têm sido foco de resistência para manutenção não apenas de uma companhia, mas de princípios que regem a vida de um grupo e de processos de criação.

No meu íntimo sei que quero fazer valer nesta época intrépida do mundo do século 21 os princípios de trupe. A permanência em grupo que permite a evolução da linguagem com qualidade diferenciada e, ao mesmo tempo, com abertura para receber o novo, que promove a recriação de si mesmo. Incentivar a possibilidade de

¹⁴ A Intrépida recebeu o Prêmio “Tamborim de Ouro” como Melhor Comissão de Frente.

¹⁵ O elenco atual da Intrépida Trupe consta dos seguintes integrantes: Beth Martins, Carolina Cony, Flávia Costa, Guilherme Lazari, Juliana Medella, Leonardo Sena, Paulo Mazzoni, Renato Linhares e Vanda Jacques.

¹⁶ O elenco de *Preciosa idade* é composto de jovens entre 16 e 23 anos, vindos, na sua maioria, do curso livre da Intrépida, A Cobra na Bacia. São eles: Diego Sanzana, Fagner Vianna, Fernanda Carnaval, Iara Marques, Joana Nicioli, João Paulo Almeida, Leandro Villany, Luiza Mayall, Marina Breichaft, Nina

Harper, Felipe Young, Tito Sant’Anna, aos quais se agregaram recentemente Ana Clara Nimrichter, Julio Nascimento e Rafael Rocha.

escrita e escuta poética. Isso me remete ao artigo do Tutty Vasques na revista *Vejinha* em outubro de 2006.

Quantas coisas bacanas duram vinte anos na vida da gente? [...] É ou não impressionante o tanto de gente e de acontecimentos que, importantíssimos na época, passaram batidos [...] para um canto qualquer dos porões da memória de cada um?

Comecei a pensar nessa bobagem quando voltava da Lapa com meus meninos – os gêmeos Antônio e Francisco, 11 anos –, comentando, às gargalhadas, os melhores momentos de *Metegol* [...] a animação dos garotos no banco de trás do automóvel me liberou para cruzar o Aterro viajando pelo tempo em que assistimos, eu e minha filha mais velha (Júlia, 23 anos, à época com a idade deles), à performance espetacular dos macacos que a Intrépida Trupe fez sobrevoar e tomar de assalto (literalmente) a platéia do Teatro Villa Lobos. Inesquecível!

Antônio e Francisco não são desse tempo, mas também já conheciam bem a turma do *Metegol*. Lembram de ter visto o incandescente *Kronos* e o mais recente *Sonhos de Einstein*. [...] Minha primeira vez foi com minha filha Júlia, no João Caetano. Quem assistiu à superprodução *Pluft* não esquece as coreografias fantasmagóricas do musical, a cargo da trupe. Júlia aí devia ter 4 anos. Corta!

Nem reparei o Pão de Açúcar passar à esquerda, enquanto pensava que a Intrépida Trupe era uma dessas raras coisas bacanas que já duravam vinte anos na minha vida e no que há de mais profundo nela, o relacionamento com meus filhos. Que alegria! [...] os meninos falavam, falavam, falavam... Não é pai? É!

É através deste eco de vínculos tão pertinente às trupes de circo, o vínculo da família, dos irmãos, pai, mãe, filhos, comadres..., que observo a escolha do nome que traduz a vitalidade da “hereditariedade” Intrépida numa mistura mágica que, como diz Deborah Colker, “veio rasgando com a força e o fôlego de uma geração”¹⁷ e que eu vejo, agora, como um ato de ir...

Despertando a cobra na bacia

A Igreja diz: O corpo é uma culpa.

¹⁷ Depoimento presente no documentário *Intrépida Trupe – Será que o tempo realmente passa?*, com direção de Beth Martins e Roberto Berliner, 2010.

A ciência diz: O corpo é uma máquina.

A publicidade diz: O corpo é um negócio.

*O corpo diz: Eu sou uma festa.*¹⁸

Só quem escuta a voz do corpo escolhe o nome A Cobra na Bacia para batizar um curso livre de acrobacia ministrado para crianças e jovens. Pois é... esse é o curso regular da Intrépida que existe há 14 anos, que deu



(Vanda Jacques e Beth Martins - aula na praça Caio Guimarães)

início a todo o processo de formação de novos artistas na cidade e abriu as portas para os outros cursos que hoje são oferecidos no Espaço de Criação da Intrépida.

A importância de um grupo estabelecer elos com a comunidade através de cursos livres faz com que a linguagem e a própria técnica do grupo se desenvolvam. Isso na Intrépida nasceu da relação com o público, fruto do sentimento de trupe. Veio de um abraço dado pelas famílias que assistiam aos espetáculos, de uma idéia lançada no ar por um grupo de pais: “Seria legal, nas férias, a gente fazer umas aulas com as crianças”. Então vieram os pais para fazer aulas com os filhos. Uma oficina assim, de férias. Aí os pais voltaram ao trabalho e as crianças ficaram. E foram ficando, e o curso foi ampliando. E foram se desenvolvendo métodos de ensino das técnicas circenses, especialmente solos, aéreos e cama elástica. As crianças foram ficando grandes, partilhando principalmente do espírito intrépido do jogo, da possibilidade, do sonho, da festa. Foi também num fluxo espontâneo de percepção que Betinho,¹⁹ ao assistir a ARN, lançou um

¹⁸ GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2004. p. 138.

¹⁹ Herbert José de Sousa, conhecido como Betinho, nasceu em Bocaiúva, norte de Minas Gerais (1935 -1997). Foi um sociólogo e ativista dos direitos humanos brasileiro. Concebeu e dedicou-se ao projeto Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.



desafio aos intrépidos: dar aula nas ruas para os meninos de rua do projeto Se Essa Rua Fosse Minha. E mais uma vez é a Intrépida quem abre caminho numa ação que inspirou inúmeros projetos sociais posteriores.

Agora já eram turmas mistas de crianças e adolescentes, todos juntos tecidos na mesma aula. Isso é importante: a convivência com os diferentes de idade. O modo de colaborar com o outro. Ser criança e ver o *grandinho* já se desenvolvendo. Ser jovem e perceber o percurso pelo qual passou anteriormente. A atmosfera de aula da Intrépida é edificante, porque, mais que a técnica, é a consciência de estar junto e de cooperar um com o outro que se vê a cada giro no ar. Os desafios. Mais que as palavras ou o conceito, o que promove a educação é a atitude que se respira no/do contato com o outro.

Quando assisti à apresentação de final de ano, em 2007, dos alunos de A Cobra na Bacia, vi o grupo de adolescentes que, pela primeira vez, havia resgatado números do repertório da Intrépida: *O trapézio dos sonhos* e *A praia*. Percebi de imediato, como educadora, o caminho que era necessário ser desenhado e que se coloca agora como um desafio de ter *despertado* a cobra na bacia: no desenvolvimento da técnica, a construção

poética. O exercício de linguagem poética cênica. Em primeira instância a linguagem da própria Intrépida servindo como base para a formação artística, o uso do repertório de clássicos da Intrépida Trupe. À medida que os jovens remontam os números, e aprendem o que simbolicamente foi desenvolvido pela geração anterior da Intrépida, respiram os desafios técnicos daquelas empreitadas e o universo poético que traduz uma época, um modo de agir e pensar o mundo; um modo de se relacionar com o espectador; a presença cênica defendendo uma idéia. Isso pode parecer simples, mas é extremamente complexo e sofisticado quando se refere a processos educacionais na formação do artista.

As crianças ainda criam sob a ótica do professor numa organização dos exercícios para a mostra pública final. Percebem como estes exercícios podem se combinar e produzir histórias e beleza. Certo tipo de disciplina criativa e interpretativa. Chegará o momento em que a criança também será convidada a organizar poeticamente este material. Prevejo este caminho, para que o exercício poético criativo seja desenvolvido desde a tenra idade. Crianças a partir de 4 anos podem participar do curso e são freqüentadoras assíduas. Você é capaz de imaginar uma sociedade que desenvolve sua expressão, partindo do próprio corpo, de modo Intrépido e em Trupe a partir desta idade!!! E desenvolve o potencial de



(Dani Lima, Beth Martins e Vanda Jacques) foto: ELIANE HEEREN



(Felicity Simpson, Ricardo Camilo, Dalmo Cordeiro, Dani Lima, Caludia Goldar, Vanda Jacques) - foto: JOHN DAWSON



foto: ARQUIVO PESSOAL



(elenco Preciosa Idade - Tito Sant'anna, João Paulo Almeida, Diego Sanzana, Phelipe Young, Iara Marques, Nina Harper, Joana Nicioli) - foto: MAURO KURY

ler e “escrever” o mundo com o rigor e a complexidade da poesia cênica circense!!! Um mundo capaz de...

No Parque das Ruínas plantar Caio em Movimento

É deste espírito pedagógico, de valores plenos de solidariedade, companheirismo, aceitação das diferenças, investimento na potencialidade do indivíduo, que surge também a resposta dada ao incidente Caio Guimarães.

Caio integrou a Intrépida Trupe como artista durante 14 anos (1995 a 2009) e, como professor, atuou no Espaço de Criação da Trupe por 12 anos (1997 a 2009). Foi uma relação de intensa troca, colaboração técnica, pedagógica e artística, fortemente baseada no seu entusiasmo, paixão e dedicação. (Vanda Jacques em entrevista concedida a mim, em 2010)

Talvez um dos maiores desafios da Intrépida Trupe dos últimos tempos tenha sido digerir a morte abrupta e violenta de um dos seus componentes. Caio foi assassinado pelo próprio irmão uma semana antes da estréia do espetáculo *Coleções*. Pode parecer que a resposta devesse ficar num fórum íntimo, restrita ao grupo. Mas a cidade disse: jamais. A Intrépida tem presença decisiva na vida cultural carioca. Caio era um dos professores de referência da Trupe. Era, inclusive, um dos preparadores técnicos da própria Intrépida. Figura inquieta. Um autodidata do movimento. Um pedagogo nato, apaixonado pelas artes marciais, pela dança e pela capoeira. Um pesquisador que interagiu com diferentes grupos e artistas cariocas.

Em resposta à solicitação da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, que pretendia nomear a Praça do Parque das Ruínas de Praça Caio Marcelo Guimarães de Jesus e nos convidou para fazermos uma performance de inauguração, nós apresentamos um projeto de criação de um espaço lúdico e de formação para oferecer à comunidade de Santa Teresa e ao público em geral. Só nomear uma praça é pouco para homenagear alguém com a vitalidade do Caio. O

interessante seria levar vida à praça com as coisas que o Caio gostava de fazer: atividades pedagógicas, artísticas e culturais. Assim projetamos e criamos o “Palco Caio em Movimento”,²⁰ um palco cuja estrutura é itinerante e poderá, num futuro, circular pela cidade, e o instalamos no centro da praça; os “Domingos Intrépidos” com aulas abertas para crianças de todas as idades às 11h, e um espetáculo com convidados às 16h; oficinas de acrobacia para crianças de Escolas Públicas de Santa Tereza durante a semana no horário regular das aulas escolares; um espaço de acervo e memória que disponibiliza o acesso ao material criativo e pedagógico deixado por Caio. A Prefeitura do Rio comprou a idéia. (Vanda Jacques em entrevista concedida a mim, em 2010).

Mesmo que uma parte do grupo tenha se mantido fora do projeto Caio em Movimento para se proteger, talvez, da dor, a maturidade de Beth e Vanda permitiu à cidade do Rio transformar sua dor em ato de vida e de



(Vanda Jacques, Beth Martins e equipe de professores na aula para crianças que inaugurou a Praça Caio Guimarães no palco Caio em Movimento – foto: MAURO KURY)

amor. Curar a ferida abraçando as crianças e as famílias que iam ao parque participar dos Domingos Intrépidos. Aquecendo o frio que a violência gera em nossas espínguas dorsais.

Particpei dos Domingos Intrépidos dividindo com Beth e Vandinha a direção artística dos três primeiros domingos. A atmosfera que envolvia a praça me deu a sensação de que elas estavam sendo convidadas a

²⁰ O “Palco Caio em Movimento” foi idealizado e projetado por Rafael Silva e Vanda Jacques, confeccionado por Zé Maranhão. Rafael Silva também assina a criação da placa que inaugurou o novo nome da praça e toda a programação visual do projeto Caio em Movimento, cuja produção ficou a cargo de Joana Damázio.



reacender a chama da insígnia TRUPE da Intrépida e expandi-la para a cidade. Lembra?!

Verbo regente: amor

Palavra-guia: paz

Direção da bússola: rumo à felicidade

Para o dia de lançamento da placa onde o palco e a infra-estrutura estavam por serem feitas, escolheu-se uma aula pública para dar início e lançar o projeto. Quem quisesse poderia participar, mas o foco principal eram as crianças.

A presença das crianças gera os rituais mais simples e vibrantes. Quando estão presentes o que quer que se faça de errado torna-se certo. Por alguma razão, elas são, por sua própria natureza, ritualísticas. Mesmo que você simplesmente as reúna, chame os espíritos, declare seu propósito e faça uma procissão liderada pelas crianças – só isso já estará bem. A quantidade de sinceridade e pureza que caminhará à sua frente curará todos os tipos de impurezas ou críticas e negatividade que você possa estar carregando. É assim, poderoso. (SOME, 2003, p. 61)

Os Domingos Intrépidos abraçaram novos grupos e artistas do movimento junto com a companhia jovem da Intrépida, a galera da *Preciosa idade*. Talvez estes jovens ainda nem possam perceber a dimensão do que projetavam energeticamente no ar que se respira no Rio, ao dançar o baile e convidar o público para compartilhar da dança; ao ensaiar o número da *Praia* diante do público (que chegava cedo à praça para acompanhar o movimento da trupe em seus preparativos); ao partilhar o palco com outros grupos, interagindo em entradas e saídas de cena; ao dividir o mesmo camarim com os mais diferentes grupos e artistas; ao conhecer o espírito generoso e engraçado do Dudu, ex-intrépido fundador que atendeu imediatamente à solicitação da trupe de trazer um número para a praça, do senhor Leon Schlos-



(Domingos Intrépidos realizados no palco Caio em Movimento - localizado no Parque das Ruínas em Santa Tereza – Rio de Janeiro) – foto: MAURO KURY

ser, professor da Escola Nacional de Circo, onde Caio se formou, e que, nos seus 70 anos, faz coisas inacreditáveis com seu corpo, numa presença cênica elegante. Quem pôde comparecer captou a mensagem, porque entra na veia, como dizia Caio: Intrépida Trupe na veia.

E que assim, na bola do mundo, se faça circular...

A magia afinada do eco das palavras Intrépida Trupe

Na verdade, após dar aqui meu depoimento apaixonado, quero lançar ao ar, em saltos irradiantes, o meu axé baiano. Desejar um sopro de vida longa à Intrépida Trupe. Que ela possa encontrar o caminho do agora no eco do que suas palavras e ações ressoam: Intrépida e Trupe.

Vislumbro para os 25 anos uma comunhão que a Intrépida sabe fazer tão bem sem nem perceber: a tradição, o clássico, o popular, o contemporâneo. Isso no teatro, na dança e no circo, com novas e velhas tecnologias cada uma na precisão de sua eficiência artesanal, analógica, digital.

Me pergunto como é acompanhar os tempos, como é envelhecer nesta arte cênica. Quais os caminhos que



(Roberto Silvano espetáculo FLAP) – foto: CALUDIA RIBEIRO

a Intrépida trará. Nas minhas *matutagens* de inspiração cardíaca, invento para o próximo espetáculo o que vi na África, em Angola: um grupo que envolvia crianças, jovens, adultos, maduros e velhos, todos em cena juntos, lindos e vigorosos. Tudo muito normal, porque assim é por lá. A comunidade sabe receber o presente da vida que é o tempo passar sempre no presente, que é todos os tempos estarem vivos no aqui e agora.

E aí parece que o Tempo se torna filho do pantanal brasileiro de Manoel de Barros e fica lá... amarrado no poste vendo saltar do trapézio, na cama elástica do coração, os vãos das respostas dadas às situações-mundo através da poesia cênica.

São aquelas construções mágicas feitas pelos intrépidos de todos os tempos que seguem:

Sendo essa metamorfose ambulante,
E nem se perguntam se a vida é boa ou má, cantam.
Nos lembram que a alegria é a prova dos nove,
E sabem que é melhor ser alegre que ser triste, que
a alegria é a melhor coisa que existe, é assim como o
amor no coração.

Referências

INTRÉPIDA Trupe – Será que o tempo realmente passa? Direção: Roberto Berliner e Beth Martins. Produção: TV Zero e Intrépida Trupe. Identidade visual: Mesofera – Gringo Cardia, Rico Vilaroca e Renato Vilaroca. Trilha sonora: Felipe Rocha. Rio de Janeiro: TV Zero, 2010.

JACQUES, Vanda. *O imaginário do circo: uma experiência chamada “A Cobra na Bacia”*. 2008. Monografia (Licenciatura em Dança) – Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro. Prof. orientador: Jorge Albuquerque.

MARTINS, Elizabeth Barbosa. *Memórias reinventadas: uma reflexão acerca da riqueza das diferenças, ludicidade, criação e resistência*. 2008. Monografia (Licenciatura em Dança) – Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro. Prof. orientadora: Hélia Borges.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade*. São Paulo: Odysseus, 2003.

Outras fontes

Entrevistas realizadas por mim com Beth Martins e Vanda Jacques nos meses de agosto e setembro de 2010. Material do site www.intrepidatrupe.com.br. Acervo de documentos da Intrépida Trupe.

